TEOCON
REVISTA TEOLOGIA CONTEXTUAL

DOI: 10.59771/teocon.2026v2.e026010

O modelo de *campus e multisites* em Igrejas Batistas: uma análise histórica e sociológica

The campus and multisite models in Baptist Churches: a historical and sociological analysis

Alonso Gonçalves[1]

https://orcid.org/0000-0001-5123-5836

Resumo: O artigo pretende analisar o modelo de *campus* e *multisites* que segue sendo implantado em igrejas batistas. Este modelo visa ampliar o alcance da igreja-sede em outras localidades com o mesmo padrão de funcionamento da igreja-sede. Para a análise, o artigo propõe o crivo do princípio da autonomia da igreja local que tem a sua gênese na Inglaterra no século XVII. Além disso, o texto aplica a categoria weberiana do carisma para explicar as condições que permitem ao líder promover o modelo de *campus* e *multisites* em igrejas batistas. Compondo com Max Weber, faz-se uso das intuições de Byung-Chul Han quanto à lógica do poder e o desaparecimento do rito na sociedade contemporânea e, dessa forma, apresentar algumas implicações e consequências que este modelo apresenta para a eclesiologia batista para este tempo.

Palavras-chave: Igrejas batistas. Modelo de eclesiologia. Princípio Batista.

Abstract: This article aims to analyze the campus and multisite model that continues to be implemented in Baptist churches. This model seeks to expand the reach of the parent church to other locations, maintaining the same operational standards as the parent church. For this analysis, the article proposes to examine the principle of local church autonomy, which originated in England in the 17th century. In addition, the text applies Weber's concept of charisma to explain the conditions that enable leaders to promote the campus and multisite model in Baptist churches. Building on Max Weber's work, the article draws upon Byung-Chul Han's insights regarding the logic of power and the disappearance of ritual in contemporary society, thereby presenting some implications and consequences that this model has for Baptist ecclesiology today.

Keywords: Baptist churches. Model of ecclesiology. Baptist principle.

[1] Mestre e Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP); Pós-doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP); Doutorando em Educação pela Universidade Nove de Julho (UNINOVE); Professor Convidado na Faculdade Teológica Batista de São Paulo (FTBSP); Pastor batista na cidade de São Paulo; E-mail: alonso3134@hotmail.com; CV: <http://lattes.cnpq.br/1066881650609101>.

CC BY

Introdução

Este texto surge de uma observação quanto ao modelo de *campus* e *multisites* praticado por igrejas batistas no pleno desenvolvimento da sua missão de expandir o reino de Deus.

Essa modalidade de criar *campus* ou *multisites*[2] é recente entre igrejas batistas que estão experimentando um crescimento numérico significativo e, com a necessidade de otimizar suas ações, conteúdos e estrutura, optaram por expandir o *modus operandi* para outros espaços, sejam eles *on-line* ou físicos. Essa modalidade se diferencia de dois modos, dependendo da igreja e da cidade. Algumas igrejas apenas mantêm esses encontros de maneira virtual, chamados por elas de *campus on-line*. Isso significa que as pessoas que fazem parte de uma igreja que mantém o seu *campus on-line*, se tornaram membros e estão, portanto, aptas a fazer tudo aquilo que um membro de uma igreja local pode fazer. Participam da ceia do Senhor de maneira remota; acompanham as assembleias regulares remotamente; contribuem com suas ofertas. Algumas dessas igrejas ainda exigem o batismo presencial na igreja-sede para quem deseja se integrar na comunidade. Isso cria um vínculo com a igreja-sede e permite que o membro *on-line* conheça o espaço da igreja que ele ou ela é pastoreado de maneira remota.

Outa forma dessa modalidade de *campus* e *multisites* se dá de maneira presencial. As pessoas de uma determinada cidade ou bairro se reúnem e estabelecem um convívio congregacional sob a mediação da igreja-sede, com líderes designados para acompanhar esse processo de viabilizar a igreja-sede em *campus*. Assim como uma universidade pode abrir *campus* em diferentes lugares para atender determinados alunos e alunas que, eventualmente, não podem estar no *campus* central, essas igrejas operam da mesma maneira. O *campus* foi idealizado com o propósito de ampliar o alcance da igreja-sede em lugares que ela, a igreja-sede, não poderia estar porque a sua estrutura, organização e conteúdo bíblico-teológico já estão definidos e consolidados naquela localidade-cidade. Assim, o pastor-sênior tem a tarefa de fornecer o jeito peculiar da igreja-sede aos demais *campus* e isso acontece por meio da sua figura, enquanto pastor-sênior da igreja-sede; mas também como detentor de uma visão ministerial que tornou a igreja-sede no que ela é. Além disso, o pastor-sênior tem densidade no seu discurso teológico que replicado aos demais líderes-pastores que estão atuando nos *multisites* ou *campus*.

Há igrejas batistas que mantêm *campus* ou *multisites* e publicizam isso em seus *websites*. Essas igrejas já adotaram essa modalidade de expansão como ponto central na missão evangelizadora que desempenham.

Algumas dessas igrejas, para exemplificar, são: a Igreja da Cidade (antiga

[2] Palavra do "mundo digital" que foi adotada por igrejas a fim de sintetizar o modo como uma determinada igreja gerencia outras localidades/comunidades a partir de um mesmo conteúdo e estrutura organizacional, tendo a igreja-sede como centro de comando e as demais localidades como sua extensão.

Primeira Igreja Batista em São José dos Campos/SP) exibe a seguinte frase: "Nosso *campus* Colina fica em São José dos Campos, mas temos mais de 32 'igrejas da Cidade' espalhadas por várias regiões e estados".[3] A Primeira Igreja Batista de Curitiba também tornou pública essa modalidade de expansão e exibe a seguinte definição: "A PIB Curitiba é uma igreja *multisite*, com diferentes *campus* espalhados por Curitiba e região metropolitana".[4] A Igreja Batista do Bacacheri também adotou essa modalidade de expansão enquanto desdobramento da sua missão. A igreja que está na cidade de Curitiba/PR exibe assim a sua visão de plantação de igrejas: "Plantação de igrejas se descreve assim: ministério focado na plantação de *campus* pela cidade de Curitiba e região metropolitana".[5] Ainda um último exemplo de uma igreja batista que adotou essa modalidade de *campus* ou *multisites* como forma de expandir a sua missão, é a Igreja Batista Memorial de Alphaville (Barueri/SP). A frase que define a maneira dessa igreja existir em diferentes lugares é exibida da seguinte maneira: "Uma igreja, 5 locais – encontre um *campus* perto de você".[6]

Essa modalidade assumida por essas e outras igrejas batistas vem ganhando notoriedade tanto por quem entende que é um novo jeito de fazer missão, portanto, uma maneira mais contemporânea de ser a "mesma" igreja em diferentes lugares, como também por aqueles que observam que essa forma de expandir a igreja-sede por meio de *campus* ou *multisites* contraria algumas práticas da eclesiologia batista, como também rompe com certos consensos teológicos entre os batistas. Esse artigo irá focar nessa segunda questão.

O objetivo aqui é apresentar uma análise entre o modelo eclesiológico dos *campus* e *multisites* praticados por igrejas batistas em contraste com o princípio eclesiológico da autonomia da igreja local.

Para isso, duas questões serão levantadas:

(i) A compreensão do que seja uma "Igreja Batista" tem um certo consenso na literatura e vocabulário de autores batistas. A autonomia da igreja local é a base que fundamenta a definição do que seja uma "Igreja Batista". O modelo de *campus* e *multisites* passa por esse crivo da autonomia da igreja local?

(ii) O aspecto sociológico precisa ser considerado na análise do modelo de *campus* e *multisites*. Isso porque há uma suspeita de que esse modelo não seja apenas uma maneira de estender ou ampliar a "mesma" igreja para outras localidades. Há outros elementos que atravessam essa relação e podem ser considerados. Assim, faremos uso da teoria de Max Weber quando este fornece uma explicação quanto ao comportamento de grupos religiosos quando o "carisma" e o poder são levados em consideração. Geralmente, líderes que alcançaram uma proeminência considerável

[3] Para verificar a informação, acessar: <https://igrejadacidade.org.br/onde-estamos>.
[4] Para verificar a informação, acessar: <https://pibcuritiba.org.br/campus/>.
[5] Para verificar a informação, acessar: <https://ibb.org.br/ministerio/plantacao-de-igrejas>.
[6] Para verificar a informação, acessar: <https://www.ibmalphaville.org.br/>.

sobre pessoas tendem a estender o seu poder, não por uma razão demagoga, mas por se verem legítimos enquanto líderes de um movimento que surgiu em torno de sua *persona*. Quem ajuda a entender melhor a lógica do poder enquanto extensão de si mesmo é o filósofo Byung-Chul Han, que utilizaremos.

Assim, esperamos contribuir para o debate quanto ao modelo que segue fazendo adeptos entre igrejas batistas e pastores, favorecendo assim uma análise do modelo do *campus* e *multisites* a partir dos limites da eclesiologia batista.

1 Igreja Batista: a história por trás de uma definição

A definição teológica para o que seja uma "Igreja Batista" tem um certo consenso entre os diferentes autores que se propuseram a pensar a eclesiologia batista. Mesmo os batistas tendo, como principal característica, a pluralidade de ideias, há uma perspectiva comum quanto a definição histórica do que seja uma "Igreja Batista". Nesse aspecto, não há divergência porque o fundamento eclesiológico do que seja uma "Igreja Batista" é um princípio batista.

Ebenézer Soares Ferreira (1987, p. 27), um autor pioneiro na formulação de um manual para o pastor e a igreja com questões práticas para o desenvolvimento de uma eclesiologia batista – define Igreja Batista da seguinte forma: "É uma congregação local, composta de membros regenerados e batizados, que, voluntariamente, se reúnem, sob as leis de Cristo, e procuram estender o Reino de Deus não só em suas vidas, mas nas de outros". Essa definição do que seja uma "Igreja Batista" de Ferreira acentua alguns aspectos que merecem destaque. O primeiro aspecto que chama atenção é a condição impreterível de que uma "Igreja Batista" é uma "congregação local". Isso significa que a igreja local é o seu próprio paradigma, ou seja, o seu universo simbólico se dá a partir da sua própria localidade, com a sua história e configuração cultural.

Um outro aspecto na definição de Ferreira é "congregação", significando que os batistas adotam o congregacionalismo para acentuar a autonomia da igreja local. A autonomia da igreja local é uma conquista histórica para os batistas. Antes de ser um dado histórico, a origem da igreja local está nas páginas do Novo Testamento.

No Novo Testamento, as igrejas são diversas e plurais.[7] Isso significa que não havia uma Igreja que exercia controle sobre as demais igrejas.[8] Em Atos 15, por exemplo, a igreja de Jerusalém não reivindicou a sua primazia para fazer valer a sua interpretação teológica às demais igrejas que estavam surgindo fora de Jerusalém. Por outro lado, a igreja de Antioquia não se tornou uma extensão da igreja de Jerusalém por ser esta a

[7] Não há disputa na eclesiologia do Novo Testamento quanto às primeiras comunidades serem autônomas enquanto igrejas locais. Tanto pesquisadores de tradição protestante quanto católica, concordam com isso. Ver: ROLOFF, Jürgen. *A igreja no Novo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal, 2005; PENNA, Romano. *As primeiras comunidades cristãs*: pessoas, tempos, lugares, formas e crenças. Petrópolis: Vozes, 2020.

[8] Esse é o entendimento na Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira sobre a eclesiologia do Novo Testamento: "As igrejas neotestamentárias são autônomas, têm governo democrático" (Oliveira, 2010, p. 232).

primeira igreja. Ao contrário, a igreja de Antioquia era uma outra igreja muito diferente da igreja de Jerusalém. Enquanto em Antioquia havia uma liderança plural, Jerusalém centralizou na figura de Tiago, Enquanto a igreja em Antioquia foi pioneira na tarefa missionária aos "confins da terra", a igreja em Jerusalém ficou restrita na região da Judéia. Aqui é possível observar que as duas comunidades nutriam perspectivas diferentes, mas isso não impediu a ajuda da igreja em Antioquia aos irmãos da Judéia quando estavam com dificuldades.

Dando sequência à definição do que seja uma "Igreja Batista" na obra de Ferreira (1987, p. 27), ele completa: "Uma igreja é absolutamente livre e independente, não sujeitando hierarquicamente, ou de qualquer outra forma, a nenhuma organização denominacional".

A definição do que seja uma "Igreja Batista" está, intrinsicamente, ligada à trajetória dos batistas na Inglaterra do século XVII. Os batistas estão incluídos no grupo dissidente da Igreja Anglicana que buscava uma separação entre a Igreja e o Estado, e por isso foram identificados como separatistas. Os batistas estavam no grupo dos puritanos que foram os primeiros a questionar a semelhança entre a Igreja Anglicana com a Romana e, por este motivo, estavam dispostos a "purificar" a Igreja oficial. Mas os separatistas não estavam dispostos a isso, antes queriam uma ruptura com a Igreja oficial comandada pela rainha Elizabeth, que os perseguia ferozmente. Eles queriam instâncias diferentes.

Essa separação que os batistas almejavam entre a Igreja e o Estado – ou, entre a Igreja oficial, que era estatal, e a igreja, enquanto comunidade autônoma e local –, não foi algo fortuito ou meramente pragmático. Querer e verbalizar essa compreensão de separação foi extremamente perigoso. O ato de reivindicar algo dessa magnitude tinha implicações para a vida social na sua completude. Pertencer à Igreja oficial significava não apenas uma filiação espiritual, mas sim cidadania plena. Uma vez fora da Igreja oficial, havia consequências e, uma delas, era não poder mais usufruir de certos acessos que apenas os cidadãos do reino usufruíam. O batismo infantil, por exemplo, funcionava como uma certidão de nascimento e inclusão no reino elizabetano (Haykin, 2024, p. 45). Não ser batizado mais na Igreja oficial era o mesmo que assumir o desterro. Além de perder cidadania por não estarem mais vinculados à Igreja oficial, os separatistas eram tratados como "traidores" do reino, enquanto súditos rebeldes. O que eles pretendiam e lutaram para ter, abriu consequências políticas e implicações sociais irreparáveis na Inglaterra.

A definição dada por Ferreira de que uma "Igreja Batista" é "absolutamente livre e independente, não sujeitando hierarquicamente" a nenhuma outra forma de governo ou estrutura, não é por acaso. Esta definição está impregnada de história e sangue. Kenneth Latourette (*apud* Batista, 2014, p. 28-29) sintetiza muito bem o que pretendiam os separatistas: "Eram separatistas no sentido em que se retiravam da

Igreja da Inglaterra e independentes no sentido em que se criam na plena autonomia de cada igreja local".

Como separatistas, os batistas se diferenciaram também dos presbiterianos quanto ao governo eclesiástico. Estavam convencidos de que o melhor governo para a igreja deveria ser o congregacional. Mas essa compreensão, quanto ao congregacionalismo, não surgiu com os batistas. Eles foram influenciados por Robert Browne (Oliveira, 2010, p. 52).

Antes de Browne levar o tema do congregacionalismo para a Inglaterra, este surgiu na França com Jean Morély. Para tratar sobre ele, seguimos Michael Haykin (2024).

Segundo Haykin, Morély foi um dos primeiros a reivindicar "governo democrático" para as igrejas na França. O próprio uso da palavra "democracia" já era um problema na época por estar ligado à subversão. Mesmo assim, Morély desenvolveu a sua perspectiva quanto ao governo da igreja, alegando que a autoridade da igreja estava nas mãos da congregação por ser ela, a igreja, a única investida de autoridade (Haykin, 2024, p. 33). Essa conclusão a qual Morély chegou não foi observando o sistema de governo da época, mas sim lendo o Novo Testamento. Na sua época, a monarquia já estava consolidada politicamente e questionar esse tipo de governo era considerado alta traição. Mas a questão que levava Morély a lutar por uma igreja congregacional, em que seus membros decidissem os rumos da própria comunidade, não era o sistema de governo estatal, mas sim o ensino do Novo Testamento. No seu livro *Tratado sobre a disciplina e política cristã*, Morély questiona de maneira incisiva: "A quem Cristo deu autoridade para receber novos membros na igreja local, ou expulsá-los, se necessário?" (Haykin, 2024, p. 33-34). A resposta é enfática: para a igreja. Os pastores, ou qualquer outro oficial que esteja liderando a igreja, "devem executar as decisões que vêm da congregação" (Haykin, 2024, p. 34).

De acordo com Haykin (2024, p. 34), o livro de Morély foi condenado por sua "doutrina perversa" no sínodo nacional das igrejas reformadas francesas. Depois disso, a cúpula da igreja francesa "continuou pressionando Morély a abandonar o seu congregacionalismo". Ele aceitaria desde que "as Escrituras demonstrassem que ele estava errado" (Haykin, 2024, p. 35). O resultado desse debate foi a condenação de Morély "como cismático" e a consequência foi "excomungá-lo" da igreja francesa (Haykin, 2024, p. 35).

Depois disso, Morély procurou refúgio na Inglaterra (Haykin, 2024, p. 36). Uma vez lá, é muito provável que a sua luta por uma igreja com governo congregacional tenha continuado. Não há dados históricos que comprovem, com documentos, a sua influência entre os separatistas e, por consequência, Robert Browne, quanto ao congregacionalismo.

Voltando mais uma vez para a definição do que seja uma "Igreja Batista" para

Ferreira (1984, p. 27), ele continua: "Uma igreja batista é completamente competente para dirigir seus próprios atos e ações de acordo com os ensinos de Cristo". Essa compreensão quanto à competência da igreja local para conduzir suas questões e resolver suas dificuldades tendo Cristo como crivo, coaduna-se com aquilo que Jean Morély apresentou para os seus pares na França e sofreu as consequências por isso.

Como princípio batista, a autonomia da igreja local sempre foi um pilar inquestionável. Quando a Convenção Batista Brasileira (CBB) surgiu em 1907, havia uma pequena preocupação de que a organização pudesse prejudicar a autonomia das igrejas. Por isso, num primeiro momento, pensaram que a convenção deveria ser apenas de missionários para não confundir com as igrejas (Pereira, 2001, p. 142). Depois, pensaram que a CBB poderia ser de igrejas e que cada uma indicasse mensageiros. A preocupação se deu com a possibilidade de ferir, em algum grau, a autonomia da igreja local. A. B. Langston (1933, p. 112) no seu livro *O princípio de individualismo em suas expressões doutrinárias ou um exame dos alicerces das crenças baptistas* escreve sobre a CBB, fez questão de frisar: "A grande Convenção Batista Brasileira não é uma super igreja ou espécie de Igreja-mãe, mas simplesmente uma organização auxiliadora das igrejas locais. Só há uma igreja no mundo, que é a igreja local". Assim, fica mais do que evidente que a eclesiologia batista, na sua configuração autônoma e congregacional, nunca foi motivo de disputa. Houve convergência sempre em torno desse princípio.

Mas como esse princípio é visto hoje? Será que foi tratado da mesma maneira ao longo dos anos ou já foi ignorado? Para responder a essas perguntas, selecionamos uma parte da entrevista do atual presidente da Convenção Batista Brasileira, Raphael Abdalla.

No dia 9 de abril de 2025, Raphael Abdalla concedeu uma entrevista para o programa "HDL Podcast" no *YouTube* e, dentre os assuntos e temas abordados, ele falou do modelo de *campus* e *multisites* como uma nova modalidade de organização das igrejas batistas e a não necessidade de tornar uma igreja local emancipada da igreja-sede.

> Na entrevista para o presbiteriano Hernandes Dias Lopes, Abdalla considerou:
>
> "A estrutura de reprodução das igrejas históricas sempre foi [assim], ao longo do último século, aliás, nós chegamos até aqui por isso. A estrutura de igreja que abre uma congregação e essa congregação, quando se torna autogerível, autossustentável, autoproclamável, ela, então, se torna, se emancipa para uma igreja local. Nós chegamos aqui por isso.
>
> Eu comecei a notar que as últimas congregações emancipadas, sobretudo em alguns bairros que não dão condições de autossustento, essa estrutura parou de funcionar. Algumas congregações, por razões

> econômicas e geográficas, não serão autossustentáveis jamais.
>
> Mas, porque existe uma regra, a gente insiste em emancipar. Daqui a alguns meses, ou daqui a poucos anos, estará com alguma dificuldade financeira, sem condições, por exemplo, de sustentar um obreiro, quiçá de pagar as contas, e vai precisar de um outro auxílio.
>
> [...]
>
> Uma igreja cresce num município e um grupo de irmãos começa a se reunir em um determinado bairro, ainda filiado à mesma filosofia daquela igreja. E ela não quer ser outra igreja; ela quer ser aquela igreja em outro bairro. Se nós não modificarmos essa estrutura, nós vamos fazer daquele lugar uma congregação e nós vamos obrigar uma emancipação; e nós vamos obrigar ser uma outra igreja. Que necessariamente terá um outro pastor. Que não necessariamente será o pastor daquelas pessoas, pelo menos não no coração delas.
>
> Bem, eu estou cada vez mais convicto de que hoje, inclusive para as igrejas históricas, a ideia dos *sites*, dos *campus*, das extensões – cada região tem usado uma expressão. Aqui na nossa igreja [Primeira Igreja Batista em Guarapari – Espírito Santo] nós temos usado extensões. Em São Paulo eu tenho ouvido muito *sites*, *multisites*. No Rio, eu tenho ouvido *campus*. Eu estou cada vez mais convicto que esse modelo comunica mais com o tempo de hoje. E que o modelo anterior não estava errado. Foi maravilhoso. E que serviu ao seu tempo. Então sim, a estrutura ela precisa ser revista porque as demandas são outras. [...] O tempo mudou e as questões estruturais precisam ser atualizadas. Eu estou convicto disso" (Lopes, 2025).

A fala de Abdalla precisa ser replicada em algumas considerações porque agrega ao tema que este texto está tratando:

(i) Abdalla considera que o princípio batista da autonomia da igreja local é uma "estrutura de reprodução". No seu entendimento, a maneira como se dá a emancipação de uma igreja batista é parte da estrutura organizacional. Ele não menciona que a emancipação acontece, ou deveria acontecer, por conta do princípio batista da autonomia da igreja local. Mesmo admitindo que as igrejas batistas só avançaram no Brasil por conta dessa "estrutura de reprodução" e não considerou mencionar o dado histórico que formou a eclesiologia batista na sua gênese, qual seja: a autonomia da igreja local. Por "autonomia da igreja local", o entrevistado entende como uma "regra" para emancipar igrejas.

(ii) Abdalla tem razão ao atribuir questões econômicas como um dos principais critérios ao socorro de igrejas batistas que foram emancipadas, às vezes de maneira abrupta, não considerando todas as implicações da autonomia. Fato é que não há uma obrigatoriedade para que igrejas batistas emancipem as congregações por tempo ou por ausência de recursos financeiros. Há congregações que assim permanecem por anos, até alcançarem condições favoráveis para a emancipação. Mas o objetivo é se tornar uma igreja local.

(iii) A parte da entrevista de Abdalla que provoca ruídos, em contraste com a definição histórica do que seja uma "Igreja Batista", se dá quando ele admite que é possível considerar que uma igreja, que tenha obtido crescimento numérico em um determinado bairro da cidade, queira continuar com a mesma "filosofia" da igreja-sede; com o mesmo pastor da igreja-sede; com as mesmas características da igreja-sede. Isso significa que essa igreja em outro bairro é uma extensão da igreja-sede em todos os sentidos, só mudando o endereço.

(iv) As razões que levam Abdalla a ter convicção de que a modalidade de *campus* ou *multisites* – no caso da igreja que ele é pastor, "extensões" –, é que esse "modelo comunica mais com o tempo de hoje". Abdalla não oferece detalhes para fundamentar o que ele entende por "tempo de hoje", ou seja, ele não apresenta as principais configurações do "tempo de hoje" e porque o modelo de *campus*, *multisites* ou extensões se adequa melhor a esse tempo. Ele apenas acrescenta que o "tempo mudou" e, portanto, "as questões estruturais precisam ser atualizadas". A convicção do atual presidente da CBB não se baseou na definição do que seja uma "Igreja Batista" e sua longa trajetória na história. A base para adotar o modelo de *campus*, *multisites* ou extensão não está na eclesiologia batista ou na teologia bíblica do Novo Testamento, mas sim na mudança do tempo. O tempo mudou e, para acompanhar essa mudança, é preciso mudar com o tempo para se comunicar melhor. É bom frisar que, no início da entrevista, Abdalla se definiu como um "conservador" da doutrina e das tradições herdadas.

Walter Shurden (2005), quando tratou da eclesiologia batista no seu livro *Quatro frágeis liberdades: resgatando a identidade e os princípios batistas*, chamou atenção para o fato de que a liberdade sempre foi uma luta para os batistas. Estabelecer igrejas livres não foi uma tarefa fácil na Inglaterra de James I. A luta dos batistas ingleses, e depois nos Estados Unidos da América, foi pela liberdade do indivíduo. Acreditavam que o indivíduo era dotado de direitos e a monarquia não deveria tolhê-los. Um desses direitos era a liberdade de consciência e opinião, ou seja, autonomia para o indivíduo tomar suas decisões morais e religiosas. A eclesiologia batista, portanto, é uma consequência dessa luta e, por isso, a democracia não foi uma escolha dentre outras, mas sim um ideal de vida. Assim, os batistas têm na sua eclesiologia o congregacionalismo enquanto governo eclesiástico porque este "acentua o papel do indivíduo dentro da comunidade, permitindo uma maior liberdade para um maior número de pessoas ter voz na igreja" (Shurden, 2005, p. 49). Como já demonstrado aqui, nesse entendimento não houve disputa entre os batistas. Somente um governo congregacional permite que a "igreja local determine sua própria membresia, decida seu próprio padrão de culto, mapeie sua própria estratégia de missão e eleja seus próprios oficiais" (Shurden, 2005, p. 49). Essa descrição de Shurden, quanto às prerrogativas de uma igreja batista, conflita com a percepção de que uma igreja batista, no pleno entendimento da sua eclesiologia, não irá desejar ser outra igreja emancipada da igreja

que a formou. Uma igreja batista, necessariamente, almejará ser outra comunidade dotada de independência e autogovernável.

Julgar que esse dado histórico da eclesiologia batista pode ser desconsiderado porque, de alguma forma, está "fora do tempo", é abrir para a possibilidade de mudar drasticamente a principal característica de uma "Igreja Batista", a sua autonomia. John Landers (1986, p. 89), autor do livro *Teologia dos princípios batistas*, quando pensou no princípio da autonomia da igreja local, foi categórico ao afirmar: "Os batistas unem-se em afirmar que uma igreja é uma associação voluntária de crentes regenerados, formada pela ação do Espírito Santo e governada democraticamente por seus membros". Landers chama atenção para o fato de que nesse ponto os batistas não divergem, antes estão unidos quando afirmam as bases da eclesiologia batista. Prescindir desse legado por um modelo eclesiológico que está aí para "comunicar mais com o tempo de hoje" é um equívoco.

O modelo de *campus* ou *multisites* que segue sendo desenvolvido por igrejas batistas para cumprirem biblicamente com a sua missão, converge com a eclesiologia batista? Não.

A segunda parte deste texto será dedicada ao aspecto sociológico que o modelo de *campus* e *multisites* praticado por igrejas batistas pode demonstrar. A tentativa será descortinar algumas relações que estão, de alguma maneira, invisibilizadas no modelo proposto. Sabemos que nas relações humanas há sempre alguns elementos que atravessam pessoas, instituições e desejos, reproduzindo afetos e gerando dependência quando se equacionam algumas condições para algo acontecer. Nesse sentido, alguns teóricos podem ajudar a entender melhor o que está submerso na aderência a esse modelo que estamos tratando.

2 Carisma, poder e dependência no modelo de *campus* e *multisites*

Quando Max Weber (2015, p. 139) estudou os mecanismos de dominação, ele concluiu que a dominação do líder para com o grupo não estava relacionada, necessariamente, com aspectos econômicos ou racionais. Antes, a dominação tem no elemento da legitimidade a sua condição de subsistir. Para entender a legitimidade, Weber (2015, p. 141) elencou três tipos de liderança: racional, tradicional e carismática. Aqui nos interessa esse terceiro tipo de legitimidade, a carismática, por se enquadrar com o que estamos observando aqui.[9]

O carismático tem algumas características que, no nosso entender, estão mais próximas do que estamos tratando aqui sobre o modelo de *campus* e *multisites* empreendido por pastores e igrejas batistas. Dentre essas características, está o "caráter exemplar" do líder que agrega à sua *persona* a visão de algo que ele compreendeu e, por

[9] A liderança "racional" tem como legitimidade as ordens que são dadas por quem tem o direito do mando sobre o grupo. Já a liderança "tradicional" tem como legitimidade as tradições que o líder preserva e se coloca como o único autorizado para representá-las diante do grupo (Weber, 2015, p. 141).

essa razão, ele se torna o canal dessa visão para as demais pessoas. Há, portanto, uma relação de "confiança pessoal" do grupo no líder carismático por ser ele um exemplo dentro de um determinado território que se alimenta da "crença" no carisma que esse líder comunica.

Sobre "carisma", Weber (2015, p. 158-159) define como uma qualidade pessoal que o líder tem de agregar em torno de si um grupo que o legitima a partir de algumas virtudes. Uma dessas virtudes que gera o reconhecimento do grupo no carisma do líder é a prova. A prova se dá quando o líder tem a capacidade de obter o reconhecimento do grupo a partir dos seus feitos. O líder carismático, na sua trajetória, realizou algo que o grupo adotou como prova; não porque o líder precisou provar algo para o grupo. A realização do líder foi transformada em prova para o grupo e isso forneceu legitimidade para liderar.

Importante destacar que nas análises de Weber (2015, p. 160) sobre a relação entre o líder carismático e o grupo – que ele chama de comunidade ou adeptos –, a liderança tem como base a missão a ser realizada. O líder carismático tem a sua legitimidade sobre o grupo quando ele mantém claramente a sua missão em destaque para os liderados. Por ter uma visão peculiar sobre a missão em desenvolvimento, não há qualquer preocupação com regras ou autoridades institucionais. Antes, o líder carismático está acima do regramento porque a sua *persona* carrega o carisma da direção a ser seguida. Na liderança burocrática, por exemplo, as regras são discursivamente analisadas; na liderança tradicional, o passado é valorizado e orienta as regras do presente; na liderança carismática, o passado é desconsiderado por entender que se está diante de algo revolucionário, novo. A tradição não é um fator preponderante de ação, mas sim o carisma (Weber, 2015, p. 161).

A relação do líder carismático com o grupo se dá no aspecto "estritamente pessoal, ligado à validade carismática de determinadas qualidades pessoais e à prova destas" (Weber, 2015, p. 161). É aqui que reside o poder que o líder carismático exerce sobre o grupo.

Estamos considerando que os pastores batistas e suas respectivas comunidades que adotam o modelo de *campus* e *multisites* como uma forma de realizar a missão, não fazem por uma razão demagoga ou autocrática. Não está em análise aqui a subjetividade desses líderes em relação a esse modelo. Fato é que todo o comportamento humano demanda um contexto social, filosófico, cultural e histórico. É nesse sentido que esse artigo orbita.

Com Max Weber, foi possível entender os principais elementos que compõem a *persona* do líder carismático. Assim, não é possível desconsiderar que os pastores batistas que adotam o modelo de *campus* e *multisites* não se enxerguem como legitimados por suas comunidades enquanto líderes que conseguem agregar pessoas em um determinado território (*campus* e *multisites*). Isso acontece porque, em algum momento da trajetória pastoral, esses pastores deram provas de que a sua visão, quanto à missão a ser feita, foi algo mostrado por Deus.

Essa construção é muito simples de entender e o exemplo foi dado pelo atual presidente da CBB na entrevista que destacamos acima. Ele deixa explícito o tipo carismático weberiano: "Nós vamos obrigar a ser uma outra igreja. Que necessariamente terá um outro pastor. Que não necessariamente será o pastor daquelas pessoas, pelo menos não no coração delas". A compreensão de Abdalla, principalmente quando faz referência a um "outro pastor" para uma igreja recém-emancipada, é de que esse grupo até pode ter um "outro pastor" que não seja o pastor da igreja-sede, mas este "outro pastor" não será o pastor no "coração delas". Com isso, o entrevistado se qualifica como um líder carismático e, antes de sê-lo, tem a legitimidade do grupo porque já deu prova da sua capacidade de direcionar o grupo para uma visão que ele entendeu ser para este tempo.

Mas como essa relação é estabelecida entre o líder e o grupo? Através da lógica do poder. Sobre isso, Byung-Chul Han nos ajuda a entender.

O líder carismático não precisa forçar ninguém a fazer o que ele deseja. O poder legítimo não se dá a partir da coerção. Han (2019, p. 9-10) ressalta que "quanto mais poderoso for o poder, mais *silenciosamente* ele atuará". Isso significa que o líder que já conquistou o seu poder sobre o grupo não precisa coagi-lo para realizar a sua visão. Quando um líder precisa coagir alguém para agir, ele não tem mais "poder" sobre o grupo. A mediação do poder se dá em outra lógica. "Contém mais mediação aquele poder que atua não *contra* o projeto de ação do outro, mas a *partir dele*. Um poder maior é, assim, o que forma o futuro do outro" (Han, 2019, p. 12-13). O líder carismático tem a habilidade de fornecer o caminho para o futuro com a visão que ele desenvolveu da sua missão. Para alcançar o seu objetivo, ele usa do seu poder para conduzir as pessoas para esse futuro preferível. Para não atuar contra o projeto do outro, o líder carismático fornece condições para que o outro também passe a viver o seu próprio projeto ou visão. Com isso, o outro, ou o grupo, passa a entender que a visão do líder também é a sua própria visão. O grupo tem um desvelamento quando em contato com a visão do líder carismático e, dessa forma, começa a fazer com que a visão do líder seja expandida para outras pessoas e territórios. Essa sensação de descoberta que o líder carismático proporciona, Han (2019, p. 17) chama de um poder que atua na liberdade, gerando uma "autoevidência" por parte do liderado. O líder habilidoso trabalha o poder e a capacidade de mediar pessoas a partir da liberdade do outro e não contra ela. A mediação do líder carismático "gera mais liberdade, ou seja, mais *sensação* de liberdade" (Han, 2019, p. 18). É assim que o líder consegue mobilizar pessoas para aderirem à sua missão e, com isso, a sua missão passa a funcionar como uma extensão da sua própria *persona*.

As igrejas e seus respectivos pastores que mantêm o modelo de *campus* e *multisites* têm algo em comum: são comunidades consideradas "grandes-igrejas" para a realidade do universo evangélico brasileiro. Essas igrejas já estão consolidadas em uma determinada localidade e têm um jeito muito próprio de viver a vida comunitária.

Por essa razão, que Abdalla, na sua entrevista, ressaltou que não seria justo obrigar um grupo de pessoas a se emanciparem (o princípio da autonomia da igreja local) porque elas ainda estão filiadas à "filosofia" da igreja-sede e, portanto, elas não querem ser "outra igreja" e sim "ser aquela igreja em outro bairro". Para Abdalla, essa igreja que se formou em outro bairro tem uma relação quase simbiótica com a igreja-sede que não pode ser interrompida.

A dependência que se estabelece entre a igreja-sede e os *campus* ou *multisites* não se dá no aspecto doutrinário ou eclesiológico; antes, o discurso para a dependência tem como base o aspecto econômico e a localidade: "Algumas congregações, por razões econômicas e geográficas, não serão autossustentáveis jamais" (Abdalla). Aqui reside a questão para desconsiderar o princípio da autonomia da igreja local: o recurso financeiro. Como se a ajuda econômica só fosse possível com o vínculo entre a congregação e a igreja-sede. O discurso da dependência econômica é enviesado, porque o que está, realmente, nas camadas inferiores desse discurso é um "jeito de ser igreja" próprio, uma "coisa só nossa", o "nosso estilo" que precisa ser preservado e expandido. Max Weber (2015, p. 160), quando estudou o perfil do líder carismático, pontuou que a dependência econômica não é um fator determinante que gera a sua legitimidade, mas sim o carisma que é "alheio à economia". Usa-se a questão econômica para justificar a dependência, mas o que está no horizonte é a visão que o líder sustenta diante do grupo, mobilizando, a partir do seu carisma, para a missão que julga ser para "este tempo".

Sobre as mudanças que "este tempo" tem provocado, uma delas é a perda do rito enquanto ato que comunica etapas e são ressignificadas simbolicamente com o propósito de marcar o tempo e a história. Byung-Chul Han, quando estudou o *Desaparecimento dos rituais: uma topologia do presente*, fez algumas considerações sobre como este tempo tem menosprezado os ritos que dão forma às narrativas da comunidade. Dentre as várias conclusões que Han (2021, p. 10) chegou, uma delas é de que há um vazio simbólico e "todas as imagens e metáforas que provocam sentido e comunidade e que estabilizam a vida têm se perdido". É um tempo marcado pelo efêmero e pela contingência. Não se tem mais apego ao perdurável, mas o invariável é colocado como o mais provável. Se outrora os símbolos comunicavam permanência de uma tradição e conseguiam agregar valores que comunicavam uma história, hoje não mais: "O simbólico como meio da comunidade tem desaparecido hoje a olhos vistos. A dessimbolização e a desritualização condicionam uma à outra" (Han, 2021, p. 16). Segundo Han (2021, p. 24), a comunidade foi a mais afetada pelo desaparecimento dos rituais, principalmente quando o elemento digital passou a ser incontornável para as relações humanas: "A comunidade ritual é uma *corporação*. À comunidade como tal é inerente uma dimensão corporal. A digitalização enfraquece em tal medida o vínculo comunitário que surge dela um efeito descorporizante". Para criar vínculos

afetivos, morais e culturais, as pessoas precisam da comunidade e o corpo, a presença física, é condição *sine qua non* para isso. A proposta do modelo de *campus* e *multisites* é oferecer o contrário disso, principalmente quando a relação do pastor-sênior e da igreja-sede com os *campus* – sejam eles *on-line* ou físicos – é mediada por uma tela.

Abdalla, na entrevista que concedeu, afirmou que o modelo de *campus* e *multisites* – no caso do pastor da Primeira Igreja Batista em Guarapari (Espírito Santo), extensões – "comunica mais com o tempo de hoje". Abdalla chama de "modelo anterior" o princípio batista da autonomia da igreja local que, na sua convicção, "serviu ao seu tempo" e, nesse novo momento, não se faz mais necessário "porque as demandas são outras". Anula-se o rito da emancipação de uma comunidade local, porque há uma necessidade de atender às demandas desse tempo e, uma delas, de acordo com Han, é a comunicação digital em detrimento da comunidade corporal.

Considerações finais

O modelo de *campus* e *multisites* tem funcionado como um importante meio para que líderes – pastores batistas – alcancem o maior número de pessoas com o seu estilo de pregação, liderança e pastoreio. Neste momento em que o movimento evangélico no Brasil segue sendo marcado por escândalos de igrejas e lideranças evangélicas, o modelo de *campus* e *multisites* se tornou um importante meio para agregar pessoas em torno de líderes que apresentam um discurso palatável, uma comunidade que seja mais saudável e uma comunicação intencional. Diante de tantas ofertas que há no segmento evangélico, líderes que agregam espiritualidade, pastoreio e uma estrutura minimamente viável, têm obtido sucesso com pessoas que estão procurando um espaço para viver a fé de maneira mais leve. Não há ainda uma pesquisa sobre esse fenômeno entre as igrejas batistas, mas seria importante coletar informações quanto ao perfil das pessoas que passam a integrar os *campus* e *multisites* ou extensões; nos arriscamos aqui em pontuar que, possivelmente, essas pessoas são oriundas de outras comunidades religiosas que, por algum motivo, se identificaram com o discurso do pastor da igreja-sede por meios digitais.

Por outro lado, há implicações quanto ao modelo de *campus* e *multisites* que precisam ser levadas em consideração. Nesse texto, analisamos algumas delas. Passamos o modelo de *campus* e *multisites* pelo crivo do princípio da autonomia da igreja local. Demonstramos que esse princípio foi fundamental para o surgimento dos batistas na Inglaterra. Ainda que os batistas tenham as suas divergências, quanto ao princípio da autonomia da igreja local não há entre os batistas divergência; antes, esse princípio é um elemento norteador para a gênese batista na história. O modelo de *campus* e *multisites* não passa pelo crivo.

A outra implicação que destacamos tem caráter sociológico. Todo e qualquer movimento de agrupamento de pessoas é passível de análise sociológica. Fizemos a

escolha, dentre as categorias que Max Weber fornece para pensar tipos de líderes, do tipo carismático. A conclusão que chegamos é de que apenas o pastor batista, dotado de carisma e legitimado pela comunidade, pode encabeçar o modelo de *campus* e *multisites* na comunidade. Ele terá sempre a prerrogativa de implantar o modelo de *campus* e *multisites* por ser aprovado pelo grupo, ter comunicado a sua visão, ter desenvolvido a estratégia da missão a ser seguida e, por fim, confluir em si o carisma e o poder para efetuar o modelo.

Uma última implicação quanto ao modo de operar o modelo de *campus* e *multisites* em igrejas batistas, acolhemos as análises de Byung-Chul Han quando estudou a lógica do poder e o desaparecimento dos rituais.

Uma vez compreendendo a lógica do poder e as condições que favorecem a liderança do tipo carismático de Weber, concluímos que a habilidade do pastor-sênior em mediar o poder fornece o meio para que o modelo de *campus* e *multisites* seja viabilizado. Não é tarefa fácil para o pastor-sênior liderar uma quantidade de pessoas em diferentes lugares se ele não souber mediar o poder e a legitimidade que detém sobre o grupo.

Uma das consequências do modelo de *campus* e *multisites* é o desaparecimento do rito da emancipação que marca a autonomia de uma igreja batista em relação a outra igreja que a fomentou por um período de tempo. O rito que sinaliza o começo de uma micro-história para uma comunidade batista não é mais possível. A tradição batista quanto à autonomia do indivíduo é desconsiderada e o princípio da autonomia da igreja local vira passado.

Referências

BATISTA, Ierson Silva. *O discurso cristão batista*: considerações nos princípios batistas à luz da análise do discurso. São Paulo: Fonte Editorial, 2014.

FERREIRA, Ebenézer Soares. *Manual da igreja e do obreiro*. 5. ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1987.

HAN, Byung-Chul. *O desaparecimento dos rituais*: uma topologia do presente. Petrópolis: Vozes, 2021.

HAN, Byung-Chul. *O que é poder?*. Petrópolis: Vozes, 2019.

HAYKIN, Michael A. G. “Raízes históricas do congregacionalismo”. *In*: DEVER, Mark; LEEMAN, Jonathan (Orgs.). *Fundamentos batistas*: uma análise da eclesiologia batista. Rio de Janeiro: Pro Nobis, 2024, p. 31-51.

LANDERS, John. *Teologia dos princípios batistas*. 2. ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1986.

LANGSTON, A. B. *O princípio de individualismo em suas expressões doutrinárias*: um exame dos alicerces das crenças baptistas. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1933.

O DESAFIO DE LIDERAR COM CORAGEM. [Apresentador]: Hernandes Dias Lopes. HDL Podcast, 9 abr. 2025. *Podcast*. Disponível em: https://youtu.be/LtFDBk5BSDg?t=1398. Acesso em: 29 jun. 2026.

OLIVEIRA, Zaqueu Moreira de. *Um povo chamado batista*: história e princípios. Recife: Kairós, 2010.

PEREIRA, J. Reis. *História dos batistas no Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro: JUERP, 2001.

SHURDEN, Walter B. *Quatro frágeis liberdades*: resgatando a identidade e os princípios batistas. Recife: MLK-B, 2005.

WEBER, Max. *Economia e sociedade*: fundamentos da sociologia compreensiva. 4. ed. Brasília: UNB, 2015. (v. 1.).